

GENEALOGIAS

Chiara Zamboni¹

Resumo:

Com base em uma metodologia filosófico-narrativa, este artigo visa articular em todos seus aspectos o conceito de genealogia, assim como emergiu no debate feminista francês e italiano a partir dos anos 80 do 1900. Em particular, temos duas maneiras de interpretar o termo genealogia: a genealogia familiar e a genealogia histórico-política. O valor simbólico de qualquer genealogia não depende da dívida que contraímos com gerações anteriores de mulheres. Se fosse assim, a dívida seria o equivalente do crédito e estaríamos somente no mundo da troca econômica. Na realidade, a genealogia nasce de reconhecimento, de algo que talvez possamos interpretar como "conhecimento renovado", ou seja, uma maneira de reinventar os saberes que nos transmitiram as mulheres anteriores a nós e torná-los nossos. Nesse sentido, significa encontrar, no pensamento e na vida daquelas que vieram antes de nós, algo que de algum modo nos pertence, sem que o soubéssemos, porque não tínhamos as palavras que nos permitissem reconhecê-lo. Isso cria um círculo simbólico da genealogia, que não é o resultado de um ato de vontade, que intencionalmente nos coloca na esfera da genealogia. Mas é a intuição de que há algo de verdadeiro, que tem a ver conosco, nas mulheres que nos precederam e, sobretudo, de que entender isso sobre nós mesmas, nos coloca em movimento e transforma nossas vidas. Isso dá raízes à política feminina.

Palavras-chave: Genealogia. Reconhecimento. Transformação. Feminismo. Pensamento da Diferença.

Neste texto introduzirei uma formulação particular de genealogia, caracterizada pelo fato que podemos nos ligar de forma simbólica a mulheres importantes para nós e que vieram antes de nós. Neste sentido fazemos escolhas seja no contexto da família seja no histórico-político, criando desta forma um percurso único e orientado de reconhecimento de valor para quem nos precedeu. No contexto cultural do feminismo italiano isso é chamado de genealogia simbólica, entendendo como simbólico o enredo de enunciados linguísticos e ações práticas que criam um tecido de vida compartilhado e livre. Trata-se de um conceito de genealogia que encontra

¹ Pesquisadora e professora das disciplinas de Filosofia Teórica na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Verona, Itália. Formou-se em Filosofia na Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade de Bari, Itália. E-mail: chiara.zamboni@univr.it



sua gênese no contexto de pensamento nascido a partir do movimento europeu das mulheres, especialmente italiano e francês, desde os anos Oitenta. Por este motivo é muito diferente do conceito de genealogia usado no contexto da teoria crítica².

Começaria com a seguinte observação. Percebi que reconhecer uma genealogia feminina não tem apenas o efeito de conferir grandeza às mulheres que nos precederam, mas também de abrir um espaço para nos valorizar na nossa singularidade subjetiva. Pensei melhor sobre este aspecto do conceito de genealogia na experiência feminina, assistindo à conferência de Maria Livia Alga e Sara Bigardi durante o seminário de Diotima. O título era *A chi devo la donna che sono diventata. Contraddizioni ed eccedenza*³ (ALGA, BIGARDI; 2015) foi publicado no livro de Diotima, *Femminismo fuori sesto. Un movimento che non può fermarsi*⁴ (2017). Refiro-me àquela parte do texto onde o triângulo constituído por avó, mãe e filha, atrai nossa atenção: triângulo, esse, que não se dispõe numa linha descendente, mas como um verdadeiro triângulo cuja energia roda, passando de um vértice para o outro. Isto abre um espaço simbólico diferente, se for comparado ao triângulo mais habitual de “mãe, pai, filha/filho”. Relação edípica – esta – muito discutida e à qual se atribui uma força interpretativa grande demais. O espaço simbólico da relação entre avó, mãe e filha não cancela o edípico, nem o substitui. Melhor, o compreende dentro de si, dando-lhe uma nova faceta de sentido.

Raciocinando sobre o gesto simbólico de reconhecer uma genealogia que nos liga a outras figuras de mulheres, esse parece paradoxal, mas não é, pois representa a ação necessária para dar voz à nossa singularidade de mulher. Se não nos sentimos intimamente ligadas a mulheres que nos precederam e não expressamos esta ligação publicamente – apesar de ser às vezes uma ligação difícil – é como se estivéssemos sem raízes. A falta de raízes é perigosa: submete-nos à força das relações, das práticas, da linguagem e do imaginário dominante de certo período histórico. O efeito

² No contexto da teoria crítica o autor de referência que introduziu o conceito de genealogia retomando o de Nietzsche e criando um novo caminho epistémico foi Michel Foucault. Veja-se Michel Foucault, *Nietzsche, la genealogia, la storia*, em Michel Foucault, *Microfisica del potere*, organizado por Alessandro Fontana e Pasquale Pasquino, Einaudi, Turim 1977, pp. 29-54. E também Michel Foucault, *L'ordine del discorso*, tradução italiano de Alessandro Fontana, Einaudi, Turim 1972. O conceito de genealogia introduzido por Foucault é neutro, não considera a diferença, e é usado apenas em chave epistêmica, para reconstruir a gênese dos diferentes planos da ordem do discurso em um certo período histórico.

³ A quem devo a mulher que me tornei. Contradições e excedência (NdT).

⁴ Feminismo fora do eixo. Um movimento que não pode parar (NdT).

de tal prática genealógica não é de dar uma identidade subjetiva à filha, mas de recolocar a mulher que opera tal reconhecimento dentro de um círculo de relações em movimento.

Porém, sabemos contemporaneamente que se trata de um espaço simbólico problemático, pois há sempre o risco – nesta relação – de querer inconscientemente curar e assim consertar com a própria vida as feridas da mãe (FACCINCANI, 2010). O risco permanece, mas o reconhecimento de uma genealogia não é apenas um ajuste existencial entre a filha e a mãe: mais do que isso, é uma ação que oferece sentido e espaço político.

Às vezes foi objetado que em alguns casos a relação entre a mãe e a filha é difícil, áspera, permeada por infelicidade. A resposta a essa objeção é que não se trata de escolher a mãe como modelo de vida, mas de compreender a importância do que flui subterraneamente entre a mãe, a mãe dela, ou seja a avó, e a filha. É preciso também ler o que flui nos aspectos negativos, críticos dessa corrente. Apenas desta forma é uma leitura que se situa na realidade, sem nenhuma idealização da mãe. E apenas desta forma se abre um verdadeiro espaço simbólico-político.

Este meu discurso tem também outra raiz, que gostaria de contar. Refiro-me à tese de doutorado de Mariateresa Muraca (2015), dedicada àquelas práticas pedagógicas que ela ganhou seguindo o trabalho, o pensamento e as formas políticas do Movimento das Mulheres Camponesas no Sul do Brasil, no estado de Santa Catarina⁵. Lendo este texto, fiquei surpresa sabendo que, no início de cada encontro político, estas mulheres – antes de discutir e raciocinar juntas – costumam lembrar as mulheres que foram importantes para elas, singularmente e para seu movimento. São nomes de mulheres que não conheço, porque a história do movimento delas não é a minha. Única, entre as mulheres citadas, aparece também o nome de Rosa Luxemburg, que conheço. Faz parte da minha história. O que me interessa evidenciar desta prática é o reconhecimento de uma genealogia explicitamente histórico-política.

Então há dois acessos ao conceito de genealogia. Podemos falar de genealogia familiar e de genealogia histórico-política. Não são aspectos complementares, nem são em contradição entre eles. Convivem nas nossas vidas e antes de tudo fazem

⁵ Trata-se da tese de doutorado de Mariateresa Muraca, *Pratiche pedagogiche popolari, femministe e decoloniali del movimento delle donne contadine a Santa Catarina. Un'etnografia collaborativa./ Práticas pedagógicas populares, feministas e decoloniais do movimento de mulheres camponesas em Santa Catarina. Uma etnografia colaborativa*, Università di Verona e Universidade federal de Santa Catarina, ano 2015.

parte do mesmo caminho simbólico-político. De fato, apenas se soubermos raciocinar sobre os laços complexos entre nós, como filhas, e a mãe e a avó, sabemos também nos interrogar sobre quais outras mulheres são importantes para nós. Os dois caminhos não devem, portanto, ser separados.

Volto agora sobre a primeira forma de genealogia, a familiar. Vou fazê-lo contando uma história. Isso me permitirá de abrir uma importante questão histórico-política sobre a liberdade.

Minha mãe era uma mulher forte e não intrometida. Mesmo amando muito meu pai, em sua vida fez escolhas muito autônomas do mundo masculino. Quando tinha dezesseis anos, a mãe dela faleceu. O pai se casou de novo. Então ela abandonou a casa do pai e foi morar em outra cidade com a irmã da mãe.

Mesmo sendo ligada ao meu pai, a relação mais cúmplice que ela tinha era com a irmã, que ficou em Roma. Eu e a minha irmã, do nosso lado, não esquecemos esta ligação entre a mãe e a tia, mesmo não falando muito sobre isso: a herdamos.

Esta é uma história neutra? Não, não é. E de todo modo, não há histórias neutras. O fato que eu a conte desta forma tem a ver com o feminismo como ímpeto político e com o pensamento de algumas mulheres que trabalharam particularmente sobre os aspectos simbólicos das relações genealógicas. Penso na Luce Irigaray e no seu *O corpo a corpo com a mãe* (1989), na Luisa Muraro e seu *O conceito de genealogia feminina* (1994), justamente citados por Maria Livia Alga e Sara Bigardi em seu texto (2017), mas também em algumas pensadoras de Diotima, especialmente na Wanda Tommasi (2007) e Diana Sartori (2007), que mostraram o lado fusional da relação com a mãe, não resolvível conceitualmente de forma total, e que tem a ver com o lado sombrio do inconsciente.

Certamente sem a contribuição do feminismo e dessas e outras mulheres, a narração da história da minha mãe teria sido diferente. Este é o ponto: contamos uma genealogia, que é o signo da nossa subjetividade. Contudo, nesta narração verdadeira operamos algumas escolhas e reconhecemos assim uma genealogia ao invés de outra. Isso tem a ver com o fato que a realidade é como uma romã, uma colmeia de potencialidades. A narração faz vir à tona alguns aspectos da realidade em vez de outros, porque segue aqueles traços da realidade que nos tocaram intimamente e aos quais a realidade nos respondeu. Então, voltando à história da minha mãe, sei bem que ela era uma mulher emancipada e isso é um fato verdadeiro. Porém, se esse fosse o traço, a característica dela que mais me envolve interiormente, ao ponto de pô-

lo ao centro da narração, então eu seria diferente do que sou agora e a narração teria sido definitivamente outra⁶.

Existe um círculo constitutivo entre os fatos verdadeiros que eu conto e a orientação feminista que me faz reconhecer uma genealogia em vez de outra. Não se pode dizer o quê vem antes: o fato que me aproximei ao feminismo porque o sentia próximo à minha existência ou o fato que a minha existência foi iluminada pelo feminismo. Os dois fatos estão inerentemente entrelaçados.

Retomemos o raciocínio e façamos um passo adiante. Eu tenho, portanto, um vínculo de reconhecimento com mulheres que me precederam, desde minha mãe, mulheres conhecidas pessoalmente, até mulheres que têm atravessado a história. Contudo, ao mesmo tempo não é nem uma relação mecânica nem, antes de tudo, uma relação determinante. Num certo momento da nossa vida dissemos livremente “sim” para um percurso simbólico, que, por exemplo, me levou a ler a vida da minha mãe de certa forma. Não lembramos exatamente o momento deste sim, tanto que agora esse percurso nos parece natural. Porém não há nada de natural no fato que uma mulher, em certo momento da sua vida, escolha pela liberdade em vez que pela emancipação. É um salto simbólico, que ilumina e dá expressão ao valor maior que já se dava às palavras que vêm de outras mulheres, em vez que às medidas que vêm de modelos sociais dominantes.

Muitas mulheres pensaram e escreveram sobre liberdade feminina. Com seus textos criaram um tecido simbólico em torno das práticas, das imagens, das figuras dessa liberdade. Refiro-me especialmente a *Non credere di avere dei diritti* (Libreria delle donne di Milano, 1987) que traz o subtítulo significativo *La generazione della libertà femminile nell'idea e nelle vicende di un gruppo di donne*⁷. Foi escrito em forma coletiva pela Libreria delle donne di Milano⁸, que representa um dos lugares mais importantes do pensamento político italiano. Refiro-me também ao texto de Ida Dominijanni *L'eccedenza della libertà femminile*⁹ (2001), como ao de Diana Sartori, *Salto sul posto*¹⁰ (2012). Esses textos mostram o paradoxo graças ao qual

⁶ Na visão que compartilho com a comunidade filosófica feminina Diotima, de fato, a emancipação não corresponde à uma escolha realmente livre mas a um modelo de comportamento social previsto e imposto.

⁷ Não acredite que você tenha direitos. A geração da liberdade feminina na ideia e nos acontecimentos de um grupo de mulheres (NdT).

⁸ Livreria das mulheres de Milão (NdT).

⁹ A excedência da liberdade feminina (NdT).

¹⁰ Salto no mesmo lugar (NdT).

descobrimos, no nível da linguagem simbólica, que somos livres porque havia já núcleos de liberdade efetivos na nossa experiência. Todavia, sem as palavras que expressam publicamente essa liberdade, nós não teríamos conseguido vê-la de forma tal para podermos nos relacionar com ela.

Assim, sem uma genealogia de mulheres que nos precederam, poderíamos ter dito sim à liberdade em vez que à emancipação? Poderíamos ter entrado numa relação de troca entre mulheres que garanta um percurso de invenção política em vez que aderir aos modelos de comportamento social previstos e impostos?

Não há resposta a esta questão. O círculo é um círculo, então não há início linear. Volta para ele mesmo. Sendo assim, é verdade que estamos numa ligação que já existe e é vinculatória, assim como é verdade também que somos nós que cumprimos esse salto, dissemos livremente sim fiéis à nossa experiência.

Gostaria agora de pôr evidência mais um aspecto do tema que estou tratando: o vínculo que temos com as mulheres a quem reconhecemos nossa genealogia é muito diferente do gesto de quitar uma dívida.

Geralmente as relações humanas nas diversas sociedades são reguladas pelo modelo de comportamento pelo qual, depois de ter recebido bens materiais e imateriais, devemos devolver o equivalente.

Um exemplo paradigmático é o do Confucianismo, pensamento filosófico-político que guiou durante um longo período a civilização chinesa. Um caso entre muitos: nos *Colóquios* de Confúcio se lê que, como os pais cuidaram do filho para os primeiros três anos de vida, o filho é obrigado a estar de luto exatamente por três anos quando eles falecerem, nem um a menos (CONFÚCIO, 1989).

A dívida então é um comprometimento na devolução de algo a alguém. Porém há também uma declinação religiosa do termo, pelo menos no contexto cristão. A dívida, de fato, remete ao sentido de culpa por ter quebrado uma corrente simbólica que preservaria a harmonia. Discutamos sobre a oração do *Pai nosso*. Nela, os cristãos pedem a Deus para quitar as dívidas com ele, como eles as quitarão com seus devedores. As dívidas contraídas com Deus são os pecados. É uma oração que expressa o desejo de reestabelecer aquela harmonia originária, quebrada por causa da dívida, por tê-la violado com o pecado, do qual carregamos a culpa.

Se as genealogias fizessem parte do dispositivo simbólico da dívida, do dever e da culpa, não teriam aquela capacidade generativa de contribuir aos novos começos. Então me perguntei qual seria um nome simbólico melhor para falar sobre

o vínculo genealógico. Acredito que seja o de reconhecimento para as mulheres que nos precederam.

Reconhecimento é uma palavra que traz consigo mais significados.

Antes de tudo, se desloca do conhecimento e dos saberes objetivos, que aprenderíamos das mulheres que nos precederam. Melhor, se liga ao fato que reconhecemos esses saberes, isto é, os conhecemos como se fossem novos, mesmo herdando-os. De fato, se do nosso lado não há uma reinvenção subjetiva dos saberes, não entramos no círculo simbólico da genealogia. Conhecê-los novamente significa que precisam que façamos deles uma experiência profunda. E isso subjetivamente, encontrando para eles novos significados.

Além disso, o re-conhecimento é diferente do herdar um saber por outro motivo. Reconhecer uma genealogia é nos transformar por caminhos imprevisíveis. Neste sentido, o conhecimento por si mesmo não transforma, enquanto o re-conhecimento leva a uma modificação infinita. De fato se reconhece em alguma mulher algo que responde dentro de nós, que ressoa, e que não conhecíamos de nós mesmas. Por exemplo, reconhecer Rosa Luxemburgo na nossa genealogia não tem a ver com um conhecimento cultural desta mulher. Não se trata de enriquecer nossa bagagem de conhecimento. Mas sinto que me afeta seu ser contracorrente no marxismo da época do Lenin e a sua tentativa de levar a subjetividade ao centro do marxismo. Naturalmente do seu jeito, que não é o meu, mas sinto uma respondência. Torna-se genealogia quando põe em movimento algo que não conhecia de mim. Leva-me para um caminho de transformação, que é minha tarefa elaborar.

De fato, é importante evidenciar que uma genealogia não pode ser utilizada para ter uma posição na história. Não é simplesmente uma narração a respeito de algumas mulheres das quais se sente uma proveniência e isso com o propósito de se colocar numa corrente simbólica, conseguindo assim indiretamente dizer quem você é. Desta forma, se usa a genealogia para construir uma identidade de posição. De uma maneira, é quase o oposto: se reconhece uma genealogia porque nos põe em movimento. É o que leva a um percurso de descoberta de significados que se intuem em mulheres que nos precederam, e que achamos em sintonia com uma parte secreta de nós que não conhecemos. A genealogia nos leva a descobrir algo imprevisto de nós, e de certa maneira nos leva para fora de uma identidade de posição. Depois, cabe a nós elaborar esta intuição e ruminar com a boca do coração para nos tornarmos outras e vivas.

Sobre isso, trago um exemplo caro para mim, para entender o que signifique o reconhecimento na outra de algo que nos ressoa e não tem a ver com o conhecimento. Trata-se de um trecho do livro *Em busca de Christa T.* de Christa Wolf (1973). Estamos numa sala de aula na Alemanha, antes da segunda guerra mundial. Alunos e professores são muito leais à ideologia dominante, muito obsequiosos às normas. Alinhados, por assim dizer. A narradora conta que durante o ano escolar tinha entrado na turma uma aluna nova, Christa T. Vinha de um povoado vizinho, então nada especial. Porém respondia sem obséquio, livre, às professoras. Quando um dia na rua a ouve tocando uma tromba feita com jornal enrolado. Então ela – a menina que narra – sente que sim, esse gesto de liberdade de Christa T. o tinha sempre conhecido:

Tentava lembrar dentro de mim quando já a tinha visto andar na minha frente daquele jeito, mas não encontrava nenhuma imagem à qual reatar a cena. Não que eu tivesse previsto aquele som de tromba, isto seria mentira. Mas o que não se sabe não se pode ver, é claro, e eu a via (p. 15; tradução nossa).

Então é ela, a menina que narra, que a partir daquele momento quer ser partícipe de uma vida que saiba tocar assim na tromba de papel, com aquele particular gosto pela liberdade.

Tento articular as passagens. A menina carregava consigo este gesto de liberdade, porém sem sabê-lo conscientemente. Assim, o reconhece fora de si como algo secreto, que lhe pertence e a leva a mudar o olhar sobre si mesma. Esta mudança do olhar é exatamente o salto simbólico no círculo que se tende entre genealogia e transformação. Não se trata, de fato, de mudança de posicionamento da identidade, mas de dizer sim a um caminho de vida que deseja participar de um gesto de liberdade visto na outra.

Ela vê o gesto e o reconhece. Então, isso é bem diferente de conhecê-lo. Reconhece-o como aquilo que ela já sabia. A partir daqui se poderia rereer a filosofia de Platão e seu conceito de reminiscência como caminho transformativo de um saber guiado por Eros.

É interessante que a verdadeira protagonista do livro seja a narradora, que no desenrolar do romance, fica procurando os rastros de Christa, da qual, realmente, não sabemos nada. Permanece uma figura aludida, esboçada. É a vida da menina que, daquele momento em diante, se compromete a ser existencialmente e simbolicamente fiel ao gesto de liberdade da companheira. Em outras palavras, fiel a um ponto secreto que o gesto da outra traz à tona como caminho de transformação.

Este conto se tornou para mim uma parábola para falar da modificação de si em relação aos gestos de outra mulher, que resume o essencial da referência à genealogia. Não se trata de partir de si para se posicionar numa rede que nos precede e que mostra uma conexão de relações que, de alguma forma, diz quem somos. A genealogia alude, ao invés disso, à intuição de algo que tem a ver conosco em mulheres que nos precedem, e que esse ponto de intensidade precisa, de nossa parte, de um desenvolvimento que acontece na transformação das nossas vidas. Uma transformação aberta e infinita que implica um nosso dizer sim a ela.

Vou terminar com um último breve conto. Minha mestra do pensamento é Luisa Muraro. Quando, às vezes, lhe dizia isso, ela não respondia. Retirava-se silenciosamente sem dizer sim ou não. Se tivesse dito sim, teria fechado nossa relação dentro do dispositivo de mestra e aluna, que vai em direção a uma cumplicidade especular. Se tivesse dito não, teria dissolvido totalmente a relação. Seu silêncio em frente à minha afirmação me obrigou por toda a vida a procurar por mim mesma as palavras que gostaria de ter ouvido dela. A fazer um trabalho cansativo, sem descontos e sem atalhos. Por assim dizer: o seu foi um silêncio gerador.

GENEALOGIES

Abstract:

We have two ways we can interpret the term genealogy: tracing our family origins and tracing our historical-political origins. The symbolic value of any genealogy does not revolve around the debt we have contracted with previous generations of women; such a term would make it tantamount to credit and then we would be mired in the world of economic exchange. In reality, genealogy is something born of a kind of acknowledgement that perhaps we could call 'renewed awareness', or in other terms a way to reinvent the knowledge passed down to us by previous women and make it our own. In this sense it means finding, in the philosophical thought and the lives of those who came before us, something which somehow belongs to us but we were unaware of: we didn't have the right words to recognize it with. This creates a symbolic circle of genealogy, which isn't the result of an act of will that would deliberately lead us into the sphere of genealogy. It's rather the insight that there is something true that concerns us in women who have gone before us and, above all, that by understanding this about ourselves sets us in motion and transforms our lives. This forms the roots of women's politics.

Keywords: Genealogy. Acknowledgement. Transformation. Feminism. Thought of Difference.

GENEALOGÍAS

Resumen:

Con base en una metodología filosófico-narrativa, este artículo procura articular en, todos sus aspectos, el concepto de genealogía, así como emergió en el debate feminista francés e italiano a partir de los años 80. Disponemos de dos maneras de interpretar el término genealogía: la genealogía familiar y la genealogía histórico-política. El valor simbólico de cualquier genealogía no depende de la deuda que contraemos con las generaciones anteriores de mujeres. Si fuera así, la deuda sería equivalente al crédito y seríamos sólo en el orden del intercambio económico. Más bien, la genealogía surge del reconocimiento, de algo que podríamos interpretar como "conocimientos renovados", es decir, una forma de reinventar los saberes que nos vienen de las mujeres anteriores y hacerlos propios. En este sentido, significa conocer, en el pensamiento y en la vida de aquellas que vinieron antes de nosotras, algo que de alguna manera nos pertenece, aunque no lo sabíamos, porque no teníamos las palabras que nos permitiesen de reconocerlo. Esto crea un círculo simbólico de la genealogía, que no es el resultado de un acto de voluntad, que intencionalmente nos pone en la esfera de la genealogía. Pero es la intuición de que hay algo de verdadero, que tiene que ver con nosotras, en las mujeres que nos han precedido y, sobre todo, que entender esto acerca de nosotras mismas, nos pone en movimiento y transforma nuestras vidas. Esto da raíces a la política de las mujeres.

Palabras clave: Genealogía. Reconocimiento. Transformación. Feminismo. Pensamiento de la Diferencia.

REFERÊNCIAS

ALGA, M. L; BIGARDI, S. A chi devo la donna che sono diventata. Autoetnografia di un dissesto. In: DIOTIMA. **Femminismo fuori sesto. Un movimento che non può fermarsi**. Napoli: Liguori, 2017. p. 79-94.

ALGA, M. L; BIGARDI, S. A chi devo la donna che sono diventata. Contraddizioni ed eccedenza. Trabalho apresentado. **Seminário de Diotima**. Outubro/novembro de 2015, Universidade de Verona, Verona (Itália).

CONFÚCIO. **Opere**. TEA: Milano, 1989.

DOMINIJANNI, I. L'eccedenza della libertà femminile. In: DOMINIJANNI, I. **Motivi della libertà**. Milano: Francoangeli, 2001. p. 47-88.

FACCINCANI, C. Paradossi del materno. In: FACCINCANI, C. **Alle radici del simbolico. Transoggettività come spazio pensante nella cura psicoanalitica**. Napoli: Liguori, 2010. p. 91-108.

FOUCAULT, M. Nietzsche, la genealogia, la storia. In: FOUCAULT, M. **Microfisica del potere**. Torino: Einaudi, 1977, pp. 29-54.

FOUCAULT, M. **L'ordine del discorso**. Torino: Einaudi, 1972.

IRIGARAY, L. Il corpo a corpo con la madre. In: IRIGARAY, L. **Sessi e genealogie**. Milano: La Tartaruga, 1989. p. 17-32.

LIBRERIA DELLE DONNE DI MILANI. **Non credere di avere dei diritti**. Torino: Rosenberg&Sellier, 1987.

MURACA, Mariateresa. **Práticas pedagógicas populares, feministas e decoloniais do movimento de mulheres camponesas em Santa Catarina**. Uma etnografia colaborativa. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de Verona, Verona, e Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MURARO, L. Il concetto di genealogia femminile. In: MURARO, L. **Tre lezioni sulla differenza sessuale**. Roma: Edizioni Centro Culturale Virginia Woolf-gruppo B, 1994. p. 27-53.

SARTORI, D. G. Salto sul posto. In: Diotima. **La festa è qui**. Napoli: Liguori, 2012. p. 6-25.

SARTORI, D. G. Con lo spirito materno. In: Diotima. **L'ombra della madre**. Napoli: Liguori, 2007. p. 33-64.

TOMMASI, W. T. In gioco. In: Diotima. **L'ombra della madre**. Napoli: Liguori, 2007. p. 167-175

WOLF, C. **Riflessioni su Christa T**. Milano: Mursia, 1973.